



Universidade Federal da Paraíba – UFPB  
Rede Interdisciplinar de Estudos sobre Violências - RIEV



## Plano de Trabalho

### **PROJETO : INVISIBILIDADE DE MULHERES NA MÚSICA E AS VIOLÊNCIAS NA CENA EM QUE ATUAM**

#### **Investigadores:**

Edna Gusmão de Góes Brennand  
Ramos Schnayder  
Waldélio Pinheiro Júnior

#### **Problemática**

O patrimônio cultural de um povo é o conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, direitos, costumes, capacidade e hábitos adquiridos e transmitidos de geração a geração e se constitui na força simbólica que traduz o significado do fazer social. Neste sentido a produção humana dos bens culturais quer materiais quer imateriais é dinâmica e afetada pela evolução científica e tecnológica de cada sociedade. Muitas civilizações deixaram seus legados na pintura, na música, escultura, vestimentas, instrumentos de trabalho, utensílios domésticos que traduzem a dimensão humana dos fazeres sociais. Este patrimônio traduz trajetórias de vida e memórias que incluem dimensões sociais, religiosas, políticas e muitas outras. Compreender a importância da arte na construção social humana e que ela é parte integrante das relações entre o sujeito e o mundo é de fundamental relevância social. Ela permeia a experiência do indivíduo e liga emoções às experiências vividas na grande maioria dos contextos civilizatórios.

Nesta pesquisa iremos investigar a música como campo científico de construção de significados e lugares de memórias. Do ponto de vista de Wazlawic (2006) muitos significados das emoções na vida do ser humano são associados a suas vivências artísticas e musicais. Para o autor, a música afeta a afetividade, influencia a forma como o sujeito significa o mundo que o cerca exteriorizando sua subjetividade, tornando-a “audível” para ele e para os outros.

De acordo com a psicologia a música é um poderoso agente de estimulação motora, sensorial e intelectual, e se atentar para a dimensão e o alcance dessa linguagem nas possibilidades de seus

usos e recursos, percebe-se sua efetiva participação no processo de desenvolvimento, socialização, cognição, criatividade e consciência de cidadania. (ZAMPRONHA, 2002, p. 20).

A música pode trazer à tona emoções variadas, evocar comportamentos e desvelar porções de mundo e laços de pertencimento. Nosso olhar será direcionado para compreender a música na construção do espaço urbano contemporâneo, no conjunto de significações da vida de mulheres autoras e intérpretes. Interessa-nos através da música ouvir o desvelar da cidade, os lugares de memórias destas mulheres através de narrativas autorais. O modo como diferentes lugares e momentos são cantados por intérpretes humanas nos desafiarão a buscar nas suas micro-histórias indícios de como as violências e o racismo são ou não vividos. Geralmente o estudo da música tem buscado a expressão do prazer mais que do sofrimento e possíveis violações de direitos.

Por meio de mecanismos já conhecidos, pode-se assegurar que os sons musicais ativam o sistema de recompensa do cérebro, liberando neurotransmissores relacionados à sensação de prazer, como a dopamina e a serotonina. Isso faz com que se diminua a dor, a tensão; e minimize os efeitos do isolamento social se constituindo, portanto, em um excelente recurso para a promoção da saúde (ANGERAMI, 1998 apud LINHARES; LIMA),

A música historicamente tem sido um campo de produção de criação artística a partir de códigos de masculinidade. Como campo de produção cultural tem sido majoritariamente protagonizado por homens e reproduz formas de relações sociais de sexo, de raça e de classe. Segundo Koppe & Bonin (2020) somente a partir do século XXI, as mulheres no campo musical vem crescendo em visibilidade e com maior inserção na segunda década. Os debates sobre gênero vem ocupando lugares importantes, fruto da luta por visibilidade pelas mulheres no processo histórico contemporâneo, bem como pelas necessidades urgentes e reais de luta pela vida. A história das lutas das mulheres por visibilidade e reconhecimento de direitos é comumente dividida em três ondas, que acompanham mais ou menos uma divisão geracional e que é baseada principalmente em eventos ocorridos nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França e em outros países europeus ocidentais além de em países da América Latina, entre os séculos XIX e XXI. Os movimentos por reconhecimento acompanham a evolução social que trazem mudanças drásticas tanto na produção como na paisagem e dinâmica do trabalho em todo o mundo: o êxodo rural; processos de industrialização, guerras as condições de exclusão, preconceito e invisibilidade. A luta ao longo da história traz nuances diversas mesmo em pleno século XXI a busca por emancipação enquanto indivíduo e o debate as naturalizações das associações das categorias homem/mulher e da consciência humana e seus produtos têm forte conotação. O porquê do silenciamento das vozes das mulheres é uma indagação de ordem histórica envolvendo variadas formas de fundamentação tanto moral como ética. Neste momento histórico de luta contra toda forma de silenciamento e discriminação as vozes das mulheres carecem de novas interpretações do que pode significar uma sociedade com menos desigualdades, mais inclusiva e que propicia o desenvolvimento social em todos os seus aspectos humanos, ambientais e econômicos.

Pesquisas recente mostram os vieses trazidos pelo fenômeno da violência. Números apontados pelo Atlas da Violência (2024) e o Fórum de Segurança Pública (2024) mostram que as estatísticas assustadoras da violência contra as mulheres no país persistem, apesar dos esforços jurídicos com a criação de mecanismos de proteção, como a Lei Maria da Penha (Lei 11340/2006), que foi aperfeiçoada por diversas outras Leis que garantem sua eficácia como as leis: 13.827/2018, 13.880/2019, 13.882/2019, 13.984/2020, 14.550/2023, 14.542/2023 e 14.674/2023. Outras Leis importantes na tentativa de manter as garantias foram A Lei 7.716/1989, conhecida como Lei do Racismo, que pune qualquer tipo de discriminação ou preconceito. Em 2023, a Lei 14.532 incluiu a injúria racial na Lei de Crimes Raciais.

A realidade da escalada da violência de gênero se se torna cada vez mais latente em nossa sociedade. Segundo dados de pesquisa realizada publicada em março de 2025 pela Folha denominada “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil” encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostrou que: **21 milhões de brasileiras**, 37,5% do total de mulheres, **sofreram algum tipo de agressão** nos últimos 12 meses, de acordo com pesquisa do Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

As agressões mais denunciadas foram: abuso sexual 3,5 milhões; agressão física 8,9 milhões; Intimidação e violência verbal 17,7 milhões; Stalking 8,5 milhões; divulgação de fotos íntimas sem consentimento 1,5 milhão; Espancamento 3,7 milhões.

Segundo Samira Bueno, Diretora Executiva do Fórum de Segurança Pública

“as iniciativas para frear essa epidemia de violência têm sido insuficientes, independentemente dos esforços de alguns governos e da exposição dos casos de repercussão nacional ao longo dos últimos anos”

Esses números apontam para a relevância desta investigação, uma vez que escassos os estudos que trazem análises envolvendo a problemática das violências sofridas por mulheres no campo da música. Pesquisa recente foi publicada pelo Universo Online e traz dados importantes sobre o universo musical brasileiro. Nele somente 10% dos valores de direitos autorais na música brasileira é pago às mulheres (UOL, 2025). Considerando que o fenômeno da violência possui um caráter interdisciplinar e intersetorial, nessa proposta o foco de interesse analítico é o universo musical para compreender o papel da música e, de modo mais genérico, da comunicação sonora não-verbal em processos sociais demarcados como violentos. Pretendemos situar as formas de violência socialmente exercidas em processos musicais uma vez que as categorias violências e conflitos não possui impacto acadêmico relevante no âmbito da musicologia e da etnomusicologia.

Temos certeza de que os dados recoltados nesta investigação evocarão discussões acerca da crise da representação sobre as mulheres na cena musical brasileira que permitirão um reposicionamento da voz e da autoria de mulheres. É importante salientar que toda música reflete uma ideologia e um contexto que muitas vezes se colocam contrários à sua suposta autonomia.

## Objetivos

- ⇒ Mapear as estatísticas de participação das mulheres na cena musical paraibana;

- ⇒ Descrever como essas mulheres percebem e lidam com suas “habilidades musicais” dentro do universo masculino dominante.
- ⇒ Compreender como essas musicistas (autoras e intérpretes) tomaram consciência do lugar estereotipado da mulher na música, cenário dominado por homens.
- ⇒ Produzir um documentário para dar visibilidade social ao enfrentamento das violências sofridas na cena musical paraibana pelas mulheres.
- ⇒ Evidenciar pelas suas vozes as principais conexões entre mulheres, violência e música.

## Metodologia

A aproximação de campo se dará pela etnomusicologia definida como o estudo da música na cultura.

Pretende-se fazer uso da metodologia pesquisa-ação envolvendo as participantes de modo participativo e cooperativo. Pretende-se analisar os dados indutivamente sobre seis artistas que vem atuando na cena musical paraibana.

## Referências

BRASIL. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil” Disponível em

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/03/10/214-milhoes-de-brasileiras-sofreram-algum-tipo-de-violencia-nos-ultimos-12-meses-diz-pesquisa.ghtml>

ANGERAMI, Valdemar Augusto (Org). A psicologia no hospital. Editora Traço, São Paulo, 1998.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. Da música, seus usos e recursos. São Paulo, 2002. Editora UNESP.

WAZLAWIC, Patrícia. Quando a música entra em ressonância com as emoções: significados e sentidos na narrativa de jovens estudantes de musicoterapia. In.: Revista Científica/FAP, Curitiba, v.1, p. 13, jan./dez. 2006.

Universe Online. Mulheres recebem somente 10% dos direitos autorais na música brasileira. Disponível em <https://www.uol.com.br/toca/noticias/2025/03/08/mulheres-recebem-apenas-10-dos-direitos-autorais-na-musica-brasileira.htm>

